

# BÍBLIA, LITERATURA E EXISTENCIALISMO: ECLESIASTES E LISPECTOR EM DIÁLOGO

[Holy Bible, Literature and Existencialism: Ecclesiastes and Lispector in dialogue]

Adenilton Tavares de Aguiar\*

---

**RESUMO:** Este artigo estabelece um diálogo entre os autores Clarice Lispector e o Qoheleth, no que se refere principalmente à discussão que eles tecem a respeito do sentido e incertezas da vida, em face da morte. Um estudo do livro de Eclesiastes, analisando-o comparativamente a autores existencialistas, demonstrará que ele sugere uma saída para a inquietude humana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Inquietude humana. Eclesiastes. Existencialismo

**ABSTRACT:** This paper establishes contact points among authors such as Clarice Lispector and Qoheleth, especially regarding the discussion they propose about life's meaning and uncertainties vis-à-vis death. A study on the book of Ecclesiastes, comparatively analyzing it in regards to existential authors will show that it suggests a way out for human restlessness.

**KEYWORDS:** Human restlessness. Ecclesiastes. Existencialism

---

## INTRODUÇÃO

O contato entre bíblia e literatura afigura-se como um terreno fértil, multifacetado, essencialmente belo e cheio de surpresas e lições de vida. Sobretudo, para usar as palavras de Virginia Stem Owens (2005, p. 34), quando a ponte é feita com um “escritor que insista na remoção do verniz da falsa segurança que protegemos com carinho, um escritor que nos mostre certas verdades nuas e cruas sobre nós mesmos”.

Esse diálogo tem-se tornado cada vez mais frequente e visitado por pesquisadores que transitam nessas duas áreas de conhecimento. Obras como *Guia literário da Bíblia*, de Frank Kermode e Robert Alter<sup>1</sup>, *A Bíblia como literatura*, de José

---

\*Mestre em Ciências da Religião pela UNICAP (Universidade Católica do Pernambuco). Bacharel em Teologia pelo SALT/IAENE e Licenciado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba. Membro do Grupo de Pesquisa *Cristianismo e Interpretações* (UNICAP); Professor de Línguas Bíblicas no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, sede regional IAENE (Instituto Adventista de Ensino do Nordeste). Editor da Revista *Hermenêutica*. E-mail: adeniltonaguiar@gmail.com

<sup>1</sup> Este livro se compõe de trabalhos de diversos autores, os quais foram editados pelos literatos Frank Kermode e Robert Alter.

Pedro Tosaus Abadía, *O código dos códigos: a Bíblia e a literatura*, de Northrop Frye, fazem parte de uma lista que vem crescendo rapidamente. A essas obras, unem-se outras tais como *Bíblia, literatura e linguagem*, de Júlio Paulo Tavares Zabatiero e João Leonel, e, por que não acrescentar *Onde encontrar a Sabedoria?*, do famoso crítico literário Harold Bloom?

Não se pode deixar de mencionar a obra de Ethelbert William Bullinger (1837-1913) *Figure of Speech Used in the Bible* [Figuras de linguagem usadas na Bíblia], um estudioso das línguas bíblicas cuja obra abriu espaço para novas pesquisas nesse campo. Ainda que estranhas ao olhar de alguns estudiosos, as discussões em torno das fronteiras entre o literário e o não literário são algo atual, “com destaque nos últimos anos para estudos rigorosamente acadêmicos sobre as relações entre literatura e teologia” (BRANDÃO, 2003, p. 141). O fato é que, como advertiram Zabatiero e Leonel (2011, p. 105), “falar em ‘Bíblia como literatura’ não é algo inédito nos meios teológicos e teórico-literários brasileiros”.

## **O QOHELETH<sup>2</sup>, LISPECTOR E AS QUESTÕES EXISTENCIAIS**

A literatura mundial está repleta de exemplos de personagens caracterizados por crise existencial, e que, portanto, empreendem uma busca de identidade marcada por muitos desencontros. Tal temática tem sido abordada por diversos autores: Goethe, Dostoiévski e Kafka, para mencionar alguns nomes clássicos da literatura universal, e Machado de Assis, Clarice Lispector e Milton Hatoum, para apresentar representantes da literatura nacional.

Fora das páginas da literatura, o fenômeno se repete. Como diria Robert Browning, poeta inglês, “muitas vezes não vemos na vida o que antes não vimos na arte”<sup>3</sup>. Weber (apud BERMAN, 1986, p. 26) confirma esse pensamento ao defender que a sociedade moderna é um cárcere, e as pessoas que nela vivem “foram moldadas por suas barras; somos seres sem espírito, sem coração, sem identidade sexual ou pessoal – quase podíamos dizer sem ser”. A propósito, para usar as palavras de Calvin Miller

---

<sup>2</sup> Nota do Autor: Em hebraico, o livro de Eclesiastes leva o nome de Qoheleth. Embora comumente essa palavra seja traduzida como “pregador”, seu significado é incerto. Doravante, todas as vezes que se tornar necessário fazer referência ao autor de Eclesiastes, o termo Qoheleth será utilizado.

<sup>3</sup> Apud WALKER, Jeane Murray. Alice Munro: uma graça silenciosa. In: YANCEY, Philip & CHAAP, James Calvin. (orgs.) **Muito mais que palavras**: como os mestres da literatura influenciaram escritores cristãos. São Paulo: Vida, 2005, p. 300.

(2005, p. 286), “a arte apresenta uma saída, um escape para livrar-se deste mundo chato onde se deve pagar aluguel”.

Essa é a inquietude existencial que se pode apreender de um pungente poema do escritor argentino Jorge Luiz Borges, sob o título *O Remorso*<sup>4</sup>:

Cometi o pior dos pecados  
que um homem possa cometer:  
Não fui feliz.  
Que os glaciares do esquecimento  
me arrastem e percam, desapiedados.  
Meus pais me engendraram  
para o jogo arriscado e formoso da vida,  
Para a terra, a água, o ar, o fogo.  
Eu os defraudei. Não fui feliz.  
Cumprida não foi sua jovem vontade.  
Minha mente se aplicou  
às simétricas porfias da arte,  
que entretece o nada.  
Me legaram valor, não fui valente.  
Não me abandona, sempre está ao meu lado  
a sombra de haver sido um infeliz.

Jung (apud KIVITS, 2006) já dizia que o problema de cerca de um terço de seus pacientes não podia ser diagnosticado clinicamente como neurose, mas como a falta de sentido de suas vidas vazias.

A Bíblia também toca nas questões existenciais. Mais detidamente, esse tema é abordado no livro de Eclesiastes, o qual é, certamente, uma das literaturas bíblicas mais apreciadas no meio acadêmico e fora dele, sobretudo por discutir este tópico que, por natureza, é universal: a experiência do homem diante da vida e seu pensamento diante da morte. Bloom (2004, p. 39) chega a dizer que “a vaidade, ou o desejo caprichoso, pertence a todas as tradições, com efeito, à própria natureza humana, e somente Coélet<sup>5</sup>, na Bíblia, concorre com Shakeaspeare”.

À semelhança de outras narrativas pessimistas, o Qoheleth enxerga futilidade e monotonia nas prossecuções humanas e acontecimentos sobrenaturais: “geração vai e geração vem; mas a terra permanece para sempre” (Ec 1,4). Observa-se, nesse verso,

<sup>4</sup> Apud KIVITS, Ed René. **Vivendo com propósitos**: a resposta cristã para o sentido da vida. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

<sup>5</sup> O tradutor da obra de Bloom preferiu fazer uma transliteração mais próxima do português.

uma menção explícita à rotina e repetição da vida: o “ir” e “vir” indiscriminadamente. Os versos seguintes mencionam alguns fenômenos naturais que ampliam a ideia de repetição: o nascer e o pôr do sol (verso 5), o percorrer do vento (verso 6), o correr das águas (verso 7), como se o autor quisesse mostrar que tudo permanece do mesmo jeito – não é de balde a sua declaração de que não existe nada novo debaixo do sol. É justamente essa rotina e repetição que tornam sufocante a vida cotidiana. Em sua obra *O livro mais mal-humorado da Bíblia*, Kivits (2009, p. 30) analisa o livro de Eclesiastes da seguinte forma:

Como vive a pessoa que já experimentou muito da vida e acha que não tem mais nada que experimentar? Como vive a pessoa que diz com frequência “já vi”, “já fiz”, “já sei” e outros “jás” que se possa imaginar? Como vive a pessoa para quem a vida tornou-se uma repetição enervante e chegou ao fastio da mente e das sensações: experimenta sempre o mesmo e chega sempre no mesmo lugar? Como vive a pessoa que pensa sobre a vida, que se debruça para observá-la e chega à conclusão de que tudo o que vai acontecer já aconteceu? Como vive a pessoa para quem a vida não traz nenhuma novidade, cuja única expectativa é ver hoje o que já viu ontem? Essa pessoa vive com tédio.

Esse autor continua suas considerações, afirmando que

Para o Eclesiastes o que se vê é o que existe, o que importa são as linhas: as entrelinhas ele descarta. E quais são os adjetivos que ele usa para descrever essas linhas? Absurdo, fútil, inútil e injusto: essas são as qualificações que dá ao trabalho que o homem realiza debaixo do sol. Nada muito animador, nada que nos motive a pular da cama na segunda-feira ou a tirar da mente a ideia de pular do prédio. (op. cit., p. 30).

Bloom (2004, p. 38) comenta que “chegando aos setenta anos de idade, poucos de nós conseguem deixar de sentir um calafrio diante desse ritmo repetitivo”.

O ato de contar do Qoheleth relembra o personagem Bentinho do romance machadiano *Dom Casmurro*, no qual o narrador-personagem conta a sua história já idoso, tecendo uma reflexão sobre a vida, após observação e análise dos fatos que marcaram sua existência. O Qoheleth possui uma visão crítica da vida e a analisa como um sociólogo diante das mazelas que afetam a sociedade. Sua análise amadurecida contempla diversos problemas sociais e como eles interferem no cotidiano das pessoas.

A análise de dois versos quase sinônimos ajuda a compreender a mensagem

central do Qoheleth: “Vaidade de vaidades, diz o Pregador, vaidade de vaidades, tudo é vaidade” (Ec 1,2) e “Vaidade de vaidade, diz o Pregador, tudo é vaidade” (Ec 12,8). Esses versos marcam o início e o fim do discurso do Qoheleth. O que temos antes e depois são o que poderíamos chamar de prólogo e conclusão. Portanto, o texto começa e termina com uma provocativa metáfora. Todo o discurso poderia ser resumido nesta única frase: “tudo é vaidade”.

Williams<sup>6</sup> (1986, p. 9) destaca que aí está a parte medular do tema de Eclesiastes. Esse autor afirma que “a expressão ‘vaidade de vaidades’ é muito enfática, algo como ‘a maior das vaidades’ ou ‘a pior de todas as vaidades’”. De fato, essa é a maneira hebraica de construir o que comumente chamamos de superlativo. A expressão “rei dos reis”, por exemplo, refere-se a um rei supremo. Não obstante, o superlativo em hebraico não se comporta como o superlativo na língua portuguesa. Neste idioma, o superlativo acontece com adjetivos, enquanto naquele, pode acontecer também com substantivos. Assim, a expressão “vaidade de vaidades” remete a uma vaidade extrema e uma futilidade sem precedentes. E o que seria essa vaidade? Na falta de uma palavra que carregue em si mesma, e sozinha, a resposta para esse questionamento, é necessário abstrair em torno de uma ideia na tentativa de sanar o problema. Percebe-se que este é o esforço de Hayford e Snider (1997, disponível em Logos Bible Software):

Todos nós gostamos de receber novos brinquedos. Nós aprendemos isto cedo, como crianças que sempre querem o brinquedo mais novo. É claro que poderíamos brincar com ele por um instante, mas na maioria das vezes, ele terminaria na parte de trás da caixa de brinquedos ou no armário ao descobirmos um novo brinquedo. E então o ciclo continua até a fase adulta. Compramos novas roupas, novos carros, novas casas, sempre à procura de algo a mais quando o novo desaparece. Na verdade, não existe nada “novo” quando se trata de bens materiais. Mesmo a tecnologia se torna maçante quando “novos” aparelhos tomam mais e mais espaço na nossa vida. Parece que nada nesta vida verdadeiramente satisfaz. [...] Isto é exatamente o assunto discutido pelo autor de Eclesiastes centenas de anos atrás. Conforme ele diz: “Não há nada novo debaixo do sol”.

Embora o termo “vaidade” apareça na maioria das versões em português, essa

---

<sup>6</sup> As fontes oriundas da língua espanhola e da língua inglesa foram vertidas ao português pelo autor deste

não é a única possibilidade de tradução do termo hebraico *havel*, que também pode referir-se a “vapor”, metáfora para aquilo que é efêmero e transitório, conforme se pode observar em Tiago 4,14: “Que é a vossa vida? Sois, apenas, como *neblina* que aparece por instante e logo se dissipa”.

No intervalo que há entre os versos 1,2 e 12,8, o Qoheleth narra as coisas que acontecem *debaixo do sol*. Tal expressão, que aparece vinte e nove vezes, parece ser usada como uma tentativa de dizer literariamente que as realizações e prossecuções humanas, do princípio ao fim, não passam de atividades sufocantes, efêmeras, paradoxais e, finalmente, inúteis. Contudo, conforme afirmaram Ogden e Zogbo (1988, p. 23), “é importante evitar a impressão de que todo objeto concebível, pessoa ou tarefa seja inútil”. Esses autores defendem a ideia segundo a qual a principal preocupação do Qoheleth diz respeito aos problemas sociais e teológicos, o impacto da morte, e assim por diante.

As questões suscitadas pelo Qoheleth encontram eco na voz de Clarice Lispector. Alfredo Bosi (1994, p. 424), comentando o conjunto da obra dessa romancista, afirmou que “há na gênese dos seus contos e romances tal exacerbação do momento interior que, a certa altura do seu itinerário, a própria subjetividade entra em crise. O espírito, perdido no labirinto da memória e da autoanálise, reclama um novo equilíbrio”.

Em *A paixão segundo G.H.*, Lispector apresenta os devaneios da personagem que dá nome ao título. As iniciais G.H não são o suficiente para removê-la do anonimato, o qual deve ser encarado como uma representação da crise de identidade que lhe sufoca o cotidiano. A maneira abrupta como o romance inicia e termina deixam transparecer que, na verdade, ele não tem começo nem fim. Quando encontramos G.H. pela primeira vez, ela aparece como quem está atirando frases ao relento cujas palavras que as antecedem não nos foram fornecidas: “estou procurando, estou procurando. *Estou tentando entender*”. Por sua vez, a conclusão: “a vida se me é, e eu não entendo o que digo. E então adoro”, na verdade não conclui a história. Afinal, as últimas palavras apenas confirmam a prostração inicial diante da incapacidade de entender a vida. O retorno ao ponto inicial remete à mesma realidade constada pelo Qoheleth: “não existe nada novo debaixo do sol”. A vida se repete.

---

artigo.

O romance se caracteriza por um monólogo que, nas palavras de Bosi, “é entrecortado de apelos a um ser ausente”. Ele alega que “a obra toda é um romance de educação existencial. [...] Há um contínuo denso de experiência existencial” (BOSI, 1994, p. 424-425), cujo ápice ocorre num episódio inusitado em que G.H., vendo uma barata, decide degustá-la, após longa divagação e análise em torno do sentido da vida:

Crispei minhas unhas na parede: eu sentia agora o nojento na minha boca, e então comecei a cuspir, a cuspir furiosamente aquele gosto de coisa alguma, gosto de um nada [...] gosto de mim mesma – eu cuspi a mim mesma, sem chegar jamais ao ponto de sentir que enfim tivesse cuspido minha alma toda (LISPECTOR, 1997, p. 170).

Para Bosi, a “paixão” de G.H. tem a ver com o contato da personagem com o inseto esmagado. Observa-se, desse modo, uma espécie de “paixão de Cristo” ao reverso, uma vez que o sofrimento de Jesus se fundamenta na busca do outro, enquanto o sofrimento de G.H. transparece a busca esmagadora por um “eu” perdido. Viktor Frankl (2009) afirma que a grande preocupação da pessoa humana é ver sentido para sua vida. Parece que essa convicção é algo que G.H. nunca alcança. A solidão representada pelo monólogo que ela empreende do início ao fim relembra a solidão de Jesus na cruz: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mt 27,46). Essa noção de distância divina é realçada por Herold Bloom (2004, p. 36) ao fazer um breve comentário do livro de Eclesiastes em sua obra *Onde encontra a sabedoria?*: “Deus, jamais chamado de Javé no Eclesiastes, parece um tanto distante”.

Entretanto, G.H. vivencia a pior solidão que possa existir: a solidão provocada pela ausência de si mesma. Ao longo das mais de cem páginas do romance não nos é apresentado um encontro da personagem consigo mesma. Ao contrário, com a passagem do tempo, aprofunda-se o despedaçamento do “eu”, apesar do momento de contemplação vivenciado no contato com a massa branca do inseto: “Chego à altura de poder cair, escolho, estremeço e desisto, e, finalmente me votando à minha queda, *despessoal, sem voz própria, finalmente sem mim*” (grifos acrescentados).

No romance *A hora da estrela*, Clarice Lispector constrói uma personagem cujo nome é Macabéa, uma alagoana que vai tentar a vida no Rio de Janeiro. Seu sonho era ser uma estrela à semelhança de Marilyn Monroe. Frustradas todas as tentativas de

realização de suas aspirações de infância e doente de tuberculose, Macabéa procura uma cartomante, segundo a qual, sua vida mudaria radicalmente para melhor. Conheceria um gringo, rico, com o qual se casaria. Ao sair da casa da cartomante, ela é atropelada por um gringo e, lançada à sarjeta, morre ali mesmo. Esta é sua hora de estrela. A construção da narrativa demonstra que, de certo modo, a tragédia de Macabéa não consiste em morrer, mas no fato de não ter vivido. Harold Kushner (2010), em seu livro *Quando coisas ruins acontecem às pessoas boas*, comenta sua impressão de que mais dilacerante para uma pessoa do que o próprio medo da morte é a sensação de não ter vivido a vida. Esse pensamento é confirmado por João Cabral de Melo Neto, no romance *Morte e Vida Severina*: “As pessoas não têm medo de morrer; elas, na verdade, têm medo de morrer sem saber por que viveram” (apud KIVITS, 2006, p. 21).

Observa-se que, curiosamente, um ponto em comum nesses personagens é o fato de que eles vivem absorvidos pelo corre-corre da vida, de modo que, paradoxalmente, querendo ter uma vida melhor, acabam sacrificando-a, em face da ausência de uma razão maior para suas realizações. Esta parece ser a crítica do Qoheleth, por sinal muito bem colocada nas palavras do romancista russo Alexander Soljenítsin:

E que me diz você sobre a coisa principal da vida, todos os seus enigmas? Não busque o que é ilusório – propriedade e posição: tudo o que se ganha à custa dos próprios nervos, década após década, e é confiscado numa noite inclemente. Viva com uma serena superioridade perante a vida – não tenha medo da desgraça. Já é o bastante se você não se congelar exposto ao frio e à sede e se a fome não lhe despedaçar as entranhas; [...] e valoriza acima de tudo no mundo aqueles que amam você e lhe desejam o bem. (apud MAINS, 2005, p. 281).

Retomando a questão suscitada por Kushner, o que ele chamou de “medo de não ter vivido” é o que se poderia chamar de não-ser, e é este não-ser que, na perspectiva de G.H., caracteriza a existência: “E eu também não tenho nome, e este é o meu nome. E porque me despersonalizo a ponto de não ter o meu nome, respondo cada vez que alguém disser: eu”. No final das contas, conforme as palavras de C. S. Lewis (2006, p. 28), não existe qualquer vantagem na experiência de não-ser: “a tentativa de comparar ‘ser’ e ‘não ser’ termina em simples palavras. ‘Seria melhor para mim que eu não tivesse nascido’ – de que forma ‘para mim?’ Como poderia eu, se não tivesse

nascido, tirar proveito de minha não-existência?”.

Em última instância, esse eu de G.H., perdido na imagem não recuperada pela memória, apela a uma experiência metafísica: “sentimos falta de nossa grandeza impossível – minha atualidade inalcançável é o meu paraíso perdido. [...] Quanto mais precisarmos, mais Deus teremos”.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Observa-se que as histórias dos personagens G.H. e Qoheleth se entrecruzam: o primeiro precisa recorrer à metafísica a fim de superar o despedaçamento do “Eu” provocado pela rotina entediante do dia a dia, e encontra seu momento de contemplação ao degustar uma barata, porém não em face da experiência em si, mas do que ela representa: um lançamento de si mesma para o mundo externo; o segundo também vê que todas as prossecuções humanas são paradoxais e efêmeras, e que o homem caminha inevitavelmente para a morte. Entretanto, enquanto a visão de G.H. não consegue vislumbrar uma solução aparente, o Qoheleth parece compreender que o apagamento do Eu é o resultado do distanciamento de Deus. Daí a advertência: “Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade” (Ec 12,1a).

Destarte, o problema não está necessariamente nas realizações humanas, mas no fato de realizá-las sem Deus. Assim, o Qohelet aconselha o jovem a alegrar o coração, sabendo, contudo, que Deus pedirá contas de todas as coisas (Ec 11,13). Embora essas palavras possam soar ameaçadoras, em última instância elas revelam a compreensão do Qohelet de que nem tudo termina aqui. Embora o existencialismo do Qoheleth também concorde que se deve viver bem o aqui e agora, há uma expectativa em algo promissor saltando do texto, conforme se pode perceber na perícopes de oito versos iniciada com uma surpreendente injunção: “Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade” (Ec 12,1a). Bloom (2004, p. 40) comenta essa perícopes usando as seguintes palavras: “Esses oito versos merecem ser repetidos até serem memorizados, conforme deve ser feito com grande parte da obra shakespeariana. Se, em Jó, a sabedoria é cara demais para ser confirmada, em Coélet, todo o saber se torna pessoal, fragmentos de uma confissão. O Pregador aceita o Deus hebreu, embora mal o conheça”. O Qohelet conclui com uma exortação: “teme a Deus e guarda seus mandamentos” (Ec 12,13), que mais parece uma fórmula de contentamento e satisfação

mesmo num mundo imperfeito. Afinal, como diria o padre, teólogo, filósofo e paleontólogo francês, Teilhard de Chardin (apud KIVITS, 2006), “não somos seres humanos passando por uma experiência espiritual, somos seres espirituais passando por uma experiência humana”.

## REFERÊNCIAS

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BLOOM, Herold. **Onde encontrar a sabedoria?**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 40 ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

BRANDÃO, Eli. O nascimento de Jesus-Severino como revelação da esperança: leitura na ponte entre teologia e literatura. In: SWARNAKAR, Sudha (org.). **Tecidos metafóricos**. João Pessoa: Ideia, 2003.

FRANKL, Viktor. **Em busca de sentido**. 29 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

HAYFORD, J. W. & SNIDER, J. **Exploring the Depths of Life and Love: A Study of Job, Ecclesiastes, and the Song of Solomon**. Nashville: Thomas Nelson, 1997.

KIVITS, Ed René. **Vivendo com propósitos: a resposta cristã para o sentido da vida**.

São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

\_\_\_\_\_. **O livro mais mal-humorado da Bíblia.** São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

KUSHNER, Harold. **Quando coisas ruins acontecem às pessoas boas.** São Paulo: Editora Nobel, 2010.

LEWIS, C. S. **O problema do sofrimento.** São Paulo: Vida, 2006.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

\_\_\_\_\_. **A hora da estrela.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MAINS, Karen Burton. Alexandre Soljenitsyn: uma visão moral. In: YANCEY, Philip & CHAAP, James Calvin. (orgs.) **Muito mais que palavras:** como os mestres da literatura influenciaram escritores cristãos. São Paulo: Vida, 2005.

MILLER, Calvin. Ray Bradbury: esperança em tempos de dúvida. In: YANCEY, Philip & CHAAP, James Calvin. (orgs.) **Muito mais que palavras:** como os mestres da literatura influenciaram escritores cristãos. São Paulo: Vida, 2005.

OGDEN, G. S. & ZOGBO, L. **A Handbook on Ecclesiastes.** New York: United Bible Societies, 1998.

OWENS, Virginia Stem. Soren Kierkegaard: medidas desesperadas. In: YANCEY, Philip & CHAAP, James Calvin. (orgs.) **Muito mais que palavras:** como os mestres da literatura influenciaram escritores cristãos. São Paulo: Vida, 2005.

WALKER, Jeane Murray. Alice Munro: uma graça silenciosa. In: YANCEY, Philip & CHAAP, James Calvin. (orgs.) **Muito mais que palavras:** como os mestres da literatura influenciaram escritores cristãos. São Paulo: Vida, 2005.

WILLIAMS, G. Estudios Bíblicos ELA: la vida, la muerte y el amor. Puebla, México: Ediciones Las Américas, A.C., 1986.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares & LEONEL, João. **Bíblia, literatura e linguagem.** São Paulo: Paulus, 2011.

*Artigo recebido em Novembro de 2012*

*Artigo aceito para publicação em Novembro de 2012*